

A CASA E A CIDADE: FRONTEIRAS ELÁSTICAS

Márcia Guerrante Tavares (marciaguerrante@gmail.com)¹

Resumo

A cidade, esvaziada pelas imposições da globalização de sua função de espaço de encontros e trocas dos indivíduos, torna-se inóspita e árida para seus habitantes. A casa, inserida na concretude da cidade, assume um papel de aglutinadora de significados e apresenta-se como abrigo, quando na sua domesticidade e intimidade acolhe o homem, também é refúgio, quando se torna lugar seguro contra as adversidades do mundo exterior. Paralelamente, a informação trazida pelo desenvolvimento tecnológico expande os limites da casa quando a conecta com o mundo. A comunicação de rede possibilita aos indivíduos novas formas de se relacionar e, neste cenário, o contato virtual acontece em escala e caráter diverso do contato efetivo. Este estudo busca compreender estas novas fronteiras elásticas entre a casa e a cidade, este movimento de expansão e recolhimento que a contemporaneidade parece determinar. A expectativa é que a observação desta dinâmica traga subsídios para o desenvolvimento de um estudo mais aprofundado da relação da casa com a cidade que a envolve.

Palavras-chave: “Ambiente urbano”, “habitar contemporâneo”, “fronteiras”.

¹ Arquiteta e urbanista, mestranda do Programa Projeto e Cidade da Universidade Federal de Goiás.

1. INTRODUÇÃO

A crescente descaracterização do espaço público das cidades contemporâneas, enquanto centros de encontros e trocas humanas e sua afirmação como espaço de passagem e não de permanência, têm tornado estas cidades inóspitas e inexpressivas. Outros caminhos ditados pela globalização, dentre eles a homogeneização da paisagem urbana pelo adensamento e verticalização sem planejamento, onde a identidade e particularidades inerentes a cada lugar, assim como a escala humana são ignoradas, têm tornado a experimentação da cidade uma experiência indigesta.

O sociólogo e historiador Richard Sennet aponta a falta de vínculo do homem contemporâneo com o espaço da cidade e, por extensão com os demais habitantes, como responsável por fazer da privacidade, seja de um indivíduo isolado ou deste indivíduo com a família ou com os amigos íntimos, um fim em si mesmo. Segundo ele “A visão intimista é impulsionada na proporção em que o espaço público é abandonado por estar esvaziado”. (SENNET, 1998, p.26)

A casa, em contrapartida, quando acolhe e se torna objeto de identificação assume, bem ou mal, seu papel de abrigo e, segundo expressões empregadas pelo filósofo Bachelard, *‘lugar calmo de acolhimento’*, a *‘concha original’*. Segundo ele: “A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela o homem seria um ser disperso”. (BACHELARD, 1978, p.201).

Povoada de coisas pessoais e permanentes a casa contemporânea se torna um lugar e olha para a cidade ampla, espaço da diversidade e do movimento. Esta alternância do dentro e do fora, do íntimo e do público, do sagrado e do profano compõe a vida do homem assumindo diferentes configurações ao longo do tempo.

O espaço é um símbolo comum de liberdade no mundo ocidental. O espaço permanece aberto; sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. [...] Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. [...] O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. (TUAN, 1983 p.61)

O processo genericamente denominado globalização, ou ainda mundialização, que começou a tomar corpo no final do século XX, trouxe mudanças na ciência, na cultura e na vida das pessoas, apresentando novas territorialidades e estabelecendo novos paradigmas. As recentes configurações da vida contemporânea nos grandes centros urbanos, vêm alterando substancialmente a relação do indivíduo com a casa e com a cidade. Na análise deste processo de mudanças, elementos importantes que direta ou indiretamente interferem nesta relação devem ser considerados, tais como os novos modelos de família, os novos padrões de consumo e de comportamento de massa, o desenvolvimento de novas tecnologias de

comunicação de rede, a maior mobilidade dos indivíduos dentre outros fatores de igual importância.

A desorientadora variedade do ambiente urbano a envolver a casa, é fonte de medo e também de atração, O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2009, p.47) afirma que os mesmos aspectos da vida na cidade que repelem, também atraem a um só tempo. Segundo ele, o homem contemporâneo sofre simultaneamente de 'mixofobia e de 'mixofilia'.

A tecnologia transformou as fronteiras do tempo, das mentalidades e do espaço (FERRARA,1998). A interpenetração e impermanência de universos antes distintos e de clara conceituação romperam com delimitações estabelecidas. As fronteiras da casa se expandem e se tornam permeáveis quando o mundo a penetra com a ajuda da tecnologia de comunicação em rede. A casa se abre então para o mundo entrar, tornando possível relacionar-se sem estar presente, e paradoxalmente, conectar-se e isolar-se. Segundo Sennet (1988, p.345), a mídia eletrônica (referindo-se na época à mídia anterior à comunicação em rede) corporifica o paradoxo de um âmbito público vazio: o do isolamento e da visibilidade. Esta afirmação de Sennet feita nos anos setenta é ainda tão atual. Diversamente das mídias precedentes, a utilização da internet permite novas formas de interação dos usuários que estando em casa, saem para o mundo. A troca de informação e excesso de exposição pessoal contracenam com o isolamento dos indivíduos nas metrópoles. As relações virtuais podem tornar a conexão à distância mais frequente que aquela com o vizinho ao lado.

Frente à diversidade da cidade e de suas ameaças, a casa pode ainda assumir o papel de *refúgio* e não de *abrigo*², quando o medo e o sentido de autoproteção fazem com que os indivíduos restrinjam seu contato físico com os outros habitantes e se *protejam*. Neste momento suas fronteiras também se recolhem e se estreitam, tornando-se menos porosas e permeáveis.

É sobre esta permeabilidade e sobre o movimento elástico de expansão e recolhimento destas fronteiras, que este estudo pretende refletir, sem contudo ter a pretensão de conceituar ou classificar tais limites.

Recorrendo à revisão bibliográfica, buscaremos compor um despretenso painel de observação e análise desta relação atual da casa com a cidade a partir do ponto de vista de autores de formações diversas.

A importância deste assunto reside no fato de que é preciso entender as transformações que aconteceram a partir das novas dinâmicas da vida urbana contemporânea, refletir sobre as relações traçadas entre os elementos que compõem o ambiente urbano a partir

² **Abrigo:** lugar que oferece proteção contra os rigores do tempo, amparo.

Refúgio: local para onde alguém foge a fim de estar em segurança, asilo, socorro.

(FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário da Língua portuguesa. Segunda edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira ;1986, p.14 e p.1473)

da perspectiva do homem, de suas necessidades e expressões, para que se tenha mais subsídios para o repensar das cidades. Trata-se então de uma observação da perspectiva do indivíduo que vivencia a casa dentro da cidade adensada e verticalizada e também deste indivíduo vivenciando a cidade que envolve a casa. Pretendemos aqui levantar apenas algumas poucas mas relevantes questões referentes a este universo complexo de relações.

A casa e a cidade mantem uma relação de reciprocidade e conhecer suas fronteiras cambiantes nos revela com mais clareza a essência de seus domínios.

2. ESPAÇOS QUE NÃO ACOLHEM: A ARIDEZ DA CIDADE

Os espaços se transformam em lugares à medida em que os vamos conhecendo melhor e atribuindo-lhes valor. Para o geógrafo Yi-Fu Tuan (1983, p.6), as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas isoladamente, para ele e para os que, apoiados na fenomenologia, seguem o pensamento da geografia humanista de um modo geral, o lugar é identificado através da experiência profunda do mundo ocupado com significados, e o espaço é abordado pela forma como ele é percebido e vivenciado pelo ser humano. (FERREIRA, 2000).

Nas metrópoles contemporâneas uma combinação de fatores dificulta a identificação e a apropriação efetiva da cidade por seus habitantes (figuras 1 e 2). A tendência à homogeneização da paisagem construída com suas torres parecidas e a desorientação que causam, o desrespeito à escala humana, a cornubação que produz as cidades contínuas e sem identidade, a primazia do automóvel que dificulta a leitura e a vivência do espaço urbano pela velocidade e isolamento que impõem aos seus ocupante, o pouco contato dos indivíduos com áreas verdes, animais e a natureza de um modo geral, a pouca atenção dada pelo poder público à cidade real, dentre tantos outros fatores, são questões comuns à grandes cidades. Valores de identificação artificiais vem sendo então estabelecidos pela mídia e pelo mercado de consumo e criando necessidades e valores não autênticos, uma vez que não emergem de dentro dos valores individuais e culturais das pessoas (RELPH, 1980).

Somado a isto, nesta análise da relação das pessoas com o meio urbano é preciso considerar a quantidade de estímulos gerados pela dinâmica da cidade. O volume e a diversidade contínua de informação tornam impossível a leitura e a experimentação da cidade como um todo pelo indivíduo, que acaba por desenvolver o que Simmel (1973, p.17) define como “atitude blasé,” quando o excesso de estímulos provocado pela vida urbana faz com que o indivíduo, se recuse a reagir a eles, adotando de forma inconsciente esta atitude de neutralidade como “a última possibilidade de acomodar-se ao conteúdo e à forma da vida urbana”.

Existe, no entanto, uma diferença entre a atitude *blasé* enquanto adaptação e a total falta de vínculo provocada pela falta de identificação com a cidade. Edward Relph (1980) ressalta que a associação com o lugar pode se dar em vários níveis, indo da ligação mais

completa à total desvinculação do sujeito com o lugar e enfatiza a importância de se levar em conta a profunda necessidade humana de associação com lugares. Esta associação só é possível quando o lugar acolhe e atende as necessidades humanas. A identificação é então uma forma de apropriação e sua ausência desvincula o sujeito do espaço ocupado.

O arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl em seu livro intitulado *Cidade para pessoas* (2013), enumera alguns critérios, divididos por ele em três blocos, para que as cidades tenham qualidade do ponto de vista da experiência humana. Três deles relacionados à segurança: contra tráfego e acidentes, contra crime e violência e contra experiências sensoriais desconfortáveis (vento forte, chuva, poluição, barulho ofuscamento, etc.); seis relacionadas ao conforto : oportunidade para caminhar, para permanecer em pé, para se sentar, para ver, para ouvir e conversar, para brincar e praticar atividades físicas e três relacionadas ao prazer: edifícios e espaços projetados de acordo com a escala humana, oportunidade para se aproveitar aspectos positivos do clima e experiências sensoriais positivas expressas entre outras coisas em bom projeto, bons materiais ótimas vistas, vegetação e água. (GEHL,2013) Nas metrópoles contemporâneas raramente encontramos simultaneamente alguns destes critérios apontados por Gehl, seus espaços públicos de um modo geral não acolhem como locais de trocas humanas e convivência da diversidade.

Figura 1: metrópole contemporânea



Fonte: Fernando Leite-Jornal Opção 2014

Figura 2: espaço humanizado – In Situ Architectes paysagistes



Fonte: IA Landscape Architects Network, 2014

Certeau afirma: “Quando a esfera pública não oferece mais lugar de investimento político, os homens se fazem ‘eremitas’ na gruta do habitat privado” (CERTEAU,1994, p.206). A falta de acolhimento dos espaços públicos da cidade globalizada, leva seus habitantes a buscarem acolhimento em espaços, materiais ou imateriais, leia-se físicos ou virtuais, onde talvez possa haver pausa e alguma identificação, onde efetivamente se sintam ‘em casa’.

3. NA CASA O ESPAÇO É UM LUGAR

Segundo Tuan “lugar é uma pausa no movimento [...] A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN,1983, p.153). A casa é pausa e abrigo no burburinho da cidade. Ainda segundo Tuan: “A própria casa nos parece mais íntima no inverno que no verão. O inverno nos lembra de nossa vulnerabilidade e define o lar como

refúgio.” (TUAN,1983, p.152). Similarmente, o peso da cidade reforça nossa vulnerabilidade frente à diversidade e a casa se apresenta então como abrigo, refúgio e acolhimento.

As imagens arquetípicas da casa servem aos indivíduos de referência e objeto de identidade. Seus espaços, móveis, objetos assim como os ritos que nela praticam povoam de significados sua existência e fazem parte da construção de suas individualidades. O teórico norueguês Norberg-Shulz (2008) afirma que a identidade humana pressupõe a identidade do lugar. Gastón Bachelard em seu livro *A poética do espaço* afirma:

Nessa comunhão dinâmica do homem e da casa, nessa rivalidade da casa e do universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico.” (BACHELARD, 1978, p. 227).

Por ser território apropriado, a casa é o espaço dotado de sentidos. “São os sentidos que a casa comporta que fazem, deste espaço e território, um lugar.” (PESAVENTO, 2006). A dimensão espaço-tempo infunde à casa um valor simbólico e referencial quando oferece a seu habitante uma localização no mundo amplo.

Roberto da Matta ao definir o espaço da casa enquanto palco da vida dos homens e de suas dinâmicas sociais e culturais, afirma que este só se define quando em contraste com outros espaços e domínios, quando em oposição ao mundo exterior, ao universo da rua. A casa é então um espaço não mensurável definido através de contrastes complementariedades e oposições.

Neste sentido o espaço definido pela casa pode aumentar ou diminuir, de acordo com a unidade que surge como foco de oposição ou de contraste. A casa define tanto um espaço íntimo e privativo de uma pessoa (por exemplo seu quarto de dormir) quanto um espaço máximo e absolutamente público, como ocorre quando nos referimos ao Brasil como nossa casa. Tudo obviamente depende do outro termo que está sendo implícita ou explicitamente contrastado. (DA MATTA, 1996, p.16)

A casa pode então ser a cama, o quarto, o apartamento, a cidade o país ou o ciberespaço. “O que temos aqui é um espaço moral posto que não pode ser definido por meio de uma fita métrica.” (DA MATTA,1996, p.16):

Neste texto, como objeto de estudo, adotamos o termo *casa* para designar a unidade habitacional inserida na cidade verticalizada e adensada, seja ela parte de um edifício de habitação coletiva ou a casa térrea individual que ainda resiste à especulação imobiliária e ao medo da violência urbana.

4. O PÚBLICO E O PRIVADO

Onde termina a cidade e começa a casa? As fronteiras entre o público e o privado vêm sendo estudadas e discutidas sob variadas óticas e predomina o entendimento de que estes limites adquirem contornos delineados pela diversidade de seu contexto histórico, econômico e social.

Para os antigos gregos a capacidade humana para a organização política era diferente, e mesmo oposta, ao tipo de associação natural centrada na casa e na família. O surgimento das cidades-estados possibilitou aos indivíduos terem uma segunda vida, uma *bios politikos*, uma vida política, que era separada de sua vida dentro de casa. Cada cidadão pertencia a duas ordens de existência: sua própria vida e a vida daquilo que era comum. Assim, no pensamento grego antigo havia uma distinção entre o público e o privado. (Thompson,2010, p13)

O conceito de vida privada no início do século XIX na França difere do que seria vida privada no final deste mesmo século naquele país ou do que era no Brasil quando da chegada da corte portuguesa por exemplo. Prost (2009) ressalta que por se tratar de uma construção coletiva relacionada aos meios sociais e às tradições culturais, em constante deslocamento e transformação, a compreensão da história das fronteiras entre o público e privado é tarefa complexa.

Não existe uma vida privada de limites definidos para sempre, e sim um recorte variável da atividade humana entre a esfera privada e a esfera pública. A vida privada só tem sentido em relação à vida pública, e sua história é, em primeiro lugar, a história de sua definição:[...] como o domínio da vida privada variou em seu conteúdo e abrangência? Assim a história da vida privada começa pela história de suas fronteiras. (PROST,2009, p.14)

Segundo Sennet (1988) no século XV tem-se os primeiros registros em inglês da palavra 'publico' identificando-a com o bem comum na sociedade e no século seguinte outro registro onde a palavra *público* já aparece com a conotação "*do que é manifesto e aberto à observação geral*". Já no século XVII com sentido e contrastes estabelecidos de maneira mais próxima da atual, *público* tratava do que estava aberto à observação de qualquer pessoa e *privado* significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos". Durante o Renascimento, na França, *le public* adquire um significado mais amplo de bem comum e corpo político relacionando-se também a um terreno da sociabilidade. (SENNET,1988, p.30)

Proust (2009) afirma que na França do final do século XIX a vida privada era privilégio da burguesia. Para a classe trabalhadora de então, a vida pública e a vida privada não se diferenciavam. No início do século XX com o deslocamento do trabalho para fora do ambiente da casa, a vida privada passa a ser conquista também dos trabalhadores, no entanto esta já tem uma configuração distinta da que os burgueses gozavam no final do século precedente assim como também era outra a vida pública que a ela se opunha. Com a privatização da casa, esta passa a identificar-se exclusivamente com a vida familiar e começa a surgir um senso de intimidade antes praticamente inexistente anteriormente. (RYBCZYNSKI,1996)

As funções exercidas dentro de uma casa e o modo de vida de seus habitantes no passam a refletir então uma organização espacial onde o privado ficava nitidamente separado do público. No modo de vida contemporâneo, principalmente com o desenvolvimento da

tecnologia de redes de comunicação, estas delimitações internas assim como as fronteiras entre o privado e o público não se apresentam tão claras.

Para Roberto Da Matta o espaço é demarcado quando alguém estabelece fronteiras, separa um pedaço de chão do outro, sendo preciso explicar de que modo estas separações são feitas e legitimadas. O antropólogo qualifica o espaço, tanto quanto o tempo, como 'invenções sociais', conceitos que constroem e são construídos pela sociedade dos homens'. (DA MATTA, 1997, p.32)

Em contrapartida, Tuan com uma visão fundamentada na fenomenologia, admite que a relação do espaço público com o privado é uma construção cultural mas, a maneira como as pessoas atribuem significados e valor aos espaços e lugares, assim como a forma como organizam estes espaços, podem ser distorcidas ou acentuadas por suas aptidões, capacidade e necessidades e, na sua essência, refletem a condição humana que transcende a cultural. (Tuan,1983, p.6)

Mas, como estabelecer nestes dias de espaços imateriais oferecidos pela tecnologia os conceitos de limites e fronteiras entre o privado e o público? Ou ainda, relacionando ao enfoque aqui dado, qual a fronteira entre a casa, unidade de habitação do homem e a cidade contemporânea, invólucro e continente desta habitação?

O significado da palavra fronteira está ligado ao sentido de extremidade, limite, o que conduz a uma posição dicotômica de ser começo e fim ao mesmo tempo. É como a soleira da porta principal de uma residência, que se situa entre o fim de um mundo, o da rua, e o começo de outro, o da casa e vice-versa. (Oliveira,2001, p.9)

Figura 3: Gráfico com resumo da evolução da relação público privado na história

▪Os primeiros registros em inglês da palavra 'publico' identificando-a com o bem comum na sociedade e no século seguinte outro registro onde a palavra *público* já aparece com a conotação "do que é manifesto e aberto à observação geral". (SENNET, 1988, p.30)

▪"Para os antigos gregos a capacidade humana para a organização política era diferente, e mesmo oposta, ao tipo de associação natural centrada na casa e na família. O surgimento das cidades-estados possibilitou aos indivíduos terem uma segunda vida, uma *bios politikos*, uma vida política, que era separada de sua vida dentro de casa. Cada cidadão pertencia a duas ordens de existência: sua própria vida e a vida daquilo que era comum. Assim, no pensamento grego antigo havia uma distinção entre o público e o privado". (Thompson,2010, p13)

▪No século XVII com sentido e contrastes estabelecidos de maneira mais próxima da atual, *público* tratava do que estava aberto à observação de qualquer pessoa e *privado* significava uma região protegida da vida, definida pela família e pelos amigos". Durante o Renascimento, na França, *le public* adquire um significado mais amplo de bem comum e corpo político relacionando-se também a um terreno da sociabilidade. (SENNET,1988, p.30)

▪Na França do final do século XIX a vida privada era privilégio da burguesia. Para a classe trabalhadora de então, a vida pública e a vida privada não se diferenciavam. (SENNET,1988, p.30)

▪No início do século XX com o deslocamento do trabalho para fora do ambiente da casa, a vida privada passa a ser conquista também dos trabalhadores e com a privatização da casa, esta passa a identificar-se exclusivamente com a vida familiar e começa a surgir um senso de intimidade antes praticamente inexistente anteriormente. (RYBCZYNSKI,1996)

▪Apesar de não se poder ainda falar em precisão de definição de fronteiras neste início de século que se vive, pode-se observar que as fronteiras entre o público e o privado mudaram em essência e substância pois não estão mais atreladas ao espaço material.

Limites, fronteiras e bordas são termos tratados sob diferentes enfoques e abordagens: a antropologia enfoca a questão a partir de seu simbolismo e implicações culturais e de identidade. A geografia o faz a partir do estudo do espaço considerando ainda o aspecto social. Os historiadores referenciam as suas relações com o tempo e a sociologia trata as fronteiras a partir da crítica da estrutura e da dinâmica social. (FAULHABER, 2011, p.106)

É sob a ótica interdisciplinar que o estudo das fronteiras é abrangente e esclarecedor. Neste texto a fronteira se relaciona a bordas, limites mas também a fluxos, temporalidades e trocas humanas e é justamente aí que reside sua elasticidade.

5. ESPAÇO CONCRETO E ESPAÇO VIRTUAL:O CONVITE DO CIBERESPAÇO

A imaterialidade é um dado que se apresenta nestes tempos de redes, globalização e fragmentação imprimindo novas configurações ao espaço do habitar do homem urbano. Prost (2009) ao analisar as fronteiras entre público e privado no final do século XX afirma que enquanto as fronteiras se deslocam e se definem com maior precisão, simultaneamente sua substância se transforma. Ele observa ainda que para a compreensão destes conceitos, é preciso considerar que se fundamentam em uma existência 'largamente coletiva' e entender como a vida acontece no interior destas fronteiras. (PROST, 2009. P.17). Apesar de não se poder ainda falar em precisão de definição de fronteiras neste início de século, podemos observar que estas fronteiras mudaram em essência e substância pois não estão mais atreladas ao espaço material.

A comunicação eletrônica é um meio através do qual a própria ideia de vida pública foi levada a se findar. Os meios de comunicação aumentaram amplamente o estoque de conhecimentos que os grupos sociais tinham uns dos outros, mas tornaram o contato efetivo desnecessário. (SENNET, 1988,p.345)

O espaço invisível constituído pela informação que trafega na rede tecida pelas conexões dos vários computadores usados pelos homens constitui o espaço imaterial denominado ciberespaço. Segundo Graham (1998) a internet, o mais conhecido veículo do ciberespaço, é povoada por termos e metáforas espaciais e territoriais. Segundo o autor, iniciando pelo próprio nome, o que basicamente é 'um fluxo abstrato de sinais eletrônicos, codificados como informação, representação e troca se torna o *ciberespaço*, um ponto de

presença na rede o *website*, a banda larga, a autoestrada (*highway*) da informação, um sistema de quadro de avisos torna-se uma comunidade virtual ou um 'bairro eletrônico' e o conjunto de todo o processo de inovação tecnológica se transforma em uma espécie de "fronteira eletrônica selvagem do *wild-west* a ser desbravado e colonizado". Os que exploram tais fronteiras são os *web-surfers*, viajantes virtuais, ou ainda *flâneurs eletrônicos* a passear pela rede. - metáforas espaciais inegavelmente. (GRAHAM,1998, p.166)

Graham (1998) adverte ainda que, apesar de alguns pensadores acusarem as redes virtuais de negar o espaço e a geometria e ainda, de ser imaterial, estas metáforas citadas apontam para o fato de que o ciberespaço vem sendo imageticamente construído como um sistema territorial gigante. Espaço imaterial pensado, construído e ocupado por pessoas e que podem de alguma forma estar associados por similaridade aos espaços materiais do dia a dia. (GRAHAM, 1998, ps.171-175)

Badan (2010) ao tratar da imaterialidade trazida pela informação afirma:

Até pouco tempo, o mundo-ambiente do ser humano era composto, essencialmente, por coisas materiais. Neste mundo existiam pessoas, obviamente, mas a ciência as tinha transformado em objetos como todas as outras coisas quantificáveis e facilmente manipuláveis. Contudo, no terceiro milênio, algo mudou e as não-coisas começaram a penetrar no mundo-ambiente por todas as direções, substituindo amplamente o contexto material. Estas não-coisas eram constituídas basicamente por informações, e uma vez que tudo aquilo que corresponde a sua natureza é imaterial e não pode ser apalpada (mas pode ser decodificada), o mundo-ambiente tornou-se cada vez mais elástico e nebuloso. Consequentemente, para alguém se orientar dentro deste novo mundo tem sido necessário considerar esta natureza espectral como o ponto de partida. (BADAN, 2010, p.2)

Segundo os pesquisadores e arquitetos Requena e Tramontano (2007), a inserção das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano do homem urbano contemporâneo provocou neste indivíduo mudanças de comportamento e a ocupação do espaço virtual está entre elas. De forma gradual e muitas vezes sem estar consciente disto, partes de seu habitar passa a acontecer neste espaço imaterial. Na rede se desenvolvem relações pessoais, comerciais e de serviços, se desempenham tarefas diárias diversas, tornando-a uma extensão socialmente aceita dos espaços físicos. Ainda segundo os pesquisadores, as chamadas comunidades virtuais, contrariamente ao rotulo de vetores de alienação e desagregação social que eventualmente lhes é atribuído, pode também estimular compartilhamento de ideias e laços de coesão social.

Essa condição leva-nos a perceber o surgimento de um habitar expandido, já que ampliaram-se as fronteiras clássicas do sujeito psíquico que agora, além de vestimentas, casas e cidades, habita também instâncias virtuais. (REQUENA e TRAMONTANO, 2007, p.543)

Graham (1998) sugere que o relacionamento entre este espaço imaterial e o material pode acontecer de três maneiras: pela substituição e transcendência, residindo aí a ideia de que a territorialidade pode ser substituída pelo uso das novas tecnologias; pela recombinação, onde os elos entre tecnologia, tempo e espaço e vida social são necessários;

ou ainda pela co-evolução, onde espaço e tecnologia convivem e produzem juntos ambiente para a vida humana acontecer. (GRAHAN, 1998)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se compreender, através do pensamento de vários autores, como se revelam no mundo contemporâneo as fronteiras entre a casa e a cidade.

A história revela uma transmutação deste conceito de limites entre o privado e o público na medida em que a sociedade se transforma embebida que vive nos seus contextos econômicos, sociais e culturais.

A globalização com sua presença esmagadora, determina padrões artificiais de comportamento e consumo, falsos símbolos de referência, difundindo por todo o planeta imposições relativas à difusão de informações, uniformização cultural e relações de trabalho. No entanto neste quadro aparentemente desolador do ponto de vista cultural e humano, auxiliado inclusive pela fragmentação da ordem cultural, a resistência vem surgindo e se expressando na multiculturalidade das metrópoles, quando através de movimentos de apropriação do espaço e 'tribalizações' vimos surgir alguma esperança. Muitas vezes estes movimentos se organizam em dado momento dentro do espaço virtual.

Organizações como Direitos Urbanos do Recife ou o grupo Nomads da USP, aqui citados apenas a título de ilustração, dentre outros, vêm repensando a cidade e agindo neste caminho de transformação e reapropriação da cidade.

A relação de reciprocidade da casa e da cidade reforça a necessidade de ambos os espaços serem pensados a partir da observação e do entendimento do homem urbano contemporâneo, seus hábitos, sua sensorialidade, suas necessidades e transformações, porque agir em um espaço refletirá no outro.

Para repensar a cidade e a casa, a compreensão das novas fronteiras estabelecidas a partir de toda a transformação que a tecnologia trouxe para a vida das pessoas neste início de século se faz imprescindível. A tecnologia tornou permeável esta membrana que separa o espaço privado do espaço público, aumentando substancialmente as transações e a interação social, cultural e econômica, de troca e de trabalho, de informação e de serviço.

É então no desenvolvimento desta convivência entre o ainda novo mundo virtual, ou ciberespaço, e o desde sempre conhecido mundo material, que as novas formas de habitar as cidades vão acontecer e a casa com suas fronteiras elásticas ora acolherá, ora se isolará da cidade.

7. REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BADAN, Rosane. **A complexidade dos espaços habitados na contemporaneidade**. In: VII CONPEEX da Universidade Federal de Goiás, 2010, Goiânia.

- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- DA MATTA, Roberto. **A casa & a rua**. Rio de Janeiro: Rocco. 1997.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Do mundo como imagem à imagem do mundo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Ed. Hucitec. ANP, 1998.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano V, nº 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000. Disponível em: <http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/09_5_ferreira.pdf> Acesso em: 12 dezembro de 2013.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar**. Editora Vozes: Petrópolis, 2012.
- FAULHABER, Priscila. A Fronteira na Antropologia Social: As Diferentes Faces de um Problema. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais -BIB**, São Paulo, n. 51, 1.º semestre de 2001 P105-125. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=129&Itemid=435> Acesso em 18 julho 2014.
- GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GRAHAM, Stephen. The end of geography or the explosion of place? Conceptualizing space, place and information technology. **Progress in Human Geography**, 1998,p 165-185. Disponível em: <http://www.casa.ucl.ac.uk/cyberspace/stephen_graham_pihg.pdf> Acesso em: 18/ 05 /2014.
- NORBERG-SCHULTZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In: NESBITT, Kate(org.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica. São Paulo: Cosac Naify, 2008. Pg.443-460.
- OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **Uma Ponte para o Mundo Goiano Do século XIX: Um estudo da casa meia-pontense**. Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2001.
- PESAVENTO, Sandra. **Espaço, território e lugar: a casa, de um Brasil ao outro** –diálogos de Gilberto Freyre com Érico Veríssimo. In: IX Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1165/1140>>, acesso em: 23-07-2014.
- PROST, Antoine. Fronteiras e espaços privados. In: PROST, Antoine; VICENT, Gérard. (Org.). **História da vida privada. Da Primeira Guerra a nossos dias. 5º volume**. Tradução Denise Bottmann e Orothée de Bruchard (posfácio). São Paulo: Companhia de bolso, 2009.
- RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London:Pion.1980
- REQUENA, Carlos Augusto Joly. **Habitar híbrido: interatividade e experiência na era da cibercultura**. Dissertação (Mestrado-Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). São Carlos, Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2007.Disponível em: <<http://teses/disponiveis/18/18142/tde-20052008-144357/pt-br.php>>. Acesso em dezembro de 2013.
- REQUENA, Guto; TRAMONTANO, Marcelo. Habitares: processos de projeto de uma espacialidade híbrida. **International Journal of architectural Computing**, 2007. Issue3, vol.5 pag.535-549. Disponível em <http://www.gutorequena.com.br/site_mestrado/IJAC_portugues.pdf>. Acesso em 15 setembro de 2014
- RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: Pequena História de uma ideia**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SANTOS, Milton. "Retorno do território". In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A.; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Ed. Hucitec. ANP, 1998.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução Lígia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das letras,1988.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O Fenômeno urbano**. 2 ed. Trad. Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro Zahar Editores, 1973. P.11-25
- THOMPSON, John B. Fronteiras cambiantes da vida pública e privada.**Matrizes**,2010. São Paulo, p.11-36. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/>> Acesso em 15 fevereiro 2014
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel,1983.